



Recebido em: 31/07/2023

Aprovado em: 21/12/2023

Publicado em: 29/12/2023

A DESVALORIZAÇÃO DA MÃO DE OBRA FEMININA NA SOCIEDADE MODERNA: a visão de Simone de Beauvoir sobre a desigualdade de gênero

THE DEVALUATION OF FEMALE LABOR IN MODERN SOCIETY: Simone de Beauvoir's vision on gender inequality

LA DEVALUSO DE LA VIINA LABORO EN MODERNA SOCIO: la opinio de Simone de Beauvoir pri seksa malegaleco

Luiz Eduardo Braga de Carvalho²⁹

Resumo

O artigo aborda a questão da desvalorização e descredibilidade do feminino no contexto das questões econômicas e da produção capital, especialmente no mercado de trabalho. Partindo da análise da obra de Simone de Beauvoir, a pesquisa utiliza o método qualitativo de análise de conteúdo para investigar e sintetizar ideias relevantes. A autora destaca que a sociedade historicamente construiu a mulher como submissa, inferior e destinada ao lar. Com o avanço das lutas feministas, as mulheres conquistaram espaço no mercado de trabalho, mas ainda enfrentam resistência e preconceito. A busca por equidade é vista como uma ameaça para a estrutura estabelecida, gerando uma reação conservadora. A Constituição Federal do Brasil prevê a igualdade de direitos entre homens e mulheres, mas na prática, a discriminação persiste. O artigo conclui que é necessário superar a resistência social e promover a conscientização para avançar em direção a uma sociedade mais igualitária e progressista.

Palavras-chave: Desvalorização feminina. Mercado de trabalho. Equidade de gênero. Resistência social. Conscientização.

Abstract

The article addresses the issue of undervaluation and discredit of the feminine in the context of economic and capital production matters, especially in the job market. Starting from the analysis of Simone de Beauvoir's work, the research employs the qualitative method of content analysis to investigate and synthesize relevant ideas. The author highlights how society historically constructed women as submissive, inferior, and destined for the home. With the advancement of feminist struggles, women gained a

²⁹ Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas (IFPR), Pesquisador Junior da Revista IF-Sophia (Órgão de divulgação científica do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia – IFPR). Tem como linha de pesquisa assuntos variados, indo desde o debate sobre educação, filosofia e conservação. E-mail: luizbraga2710@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5833-4079>



place in the job market but still face resistance and prejudice. The pursuit of equity is seen as a threat to the established structure, generating a conservative reaction. The Brazilian Federal Constitution guarantees gender equality in rights, but in practice, discrimination persists. The article concludes that overcoming social resistance and promoting awareness is essential to progress toward a more egalitarian and progressive society.

Keywords: Female devaluation. Job market. Gender equity. Social resistance. Awareness.

Resumo

La artikolo traktas la temon de la malplivalorigo kaj malkrediteco de virinoj en la kunteksto de ekonomiaj aferoj kaj kapitalproduktado, precipe en la labormerkato. Komencante de la analizo de la laboro de Simone de Beauvoir, la esplorado uzas la kvalitan metodon de enhavanalizo por esplori kaj sintezi signifajn ideojn. La aŭtoro emfazas, ke la socio historie konstruis virinojn kiel submetiĝeme, malsuperajn kaj destinitajn por la hejmo. Kun la progreso de feminismaj luktoj, virinoj akiris spacon en la labormerkato, sed ili ankoraŭ alfrontas reziston kaj antaŭjuĝon. La serĉo de egaleco estas vidita kiel minaco al la establita strukturo, generante konservativan reagon. La Federacia Konstitucio de Brazilo provizas egalajn rajtojn inter viroj kaj virinoj, sed praktike, diskriminacio daŭras. La artikolo konkludas, ke necesas venki socian reziston kaj antaŭenigi konscion por movi al pli egaleca kaj progresema socio.

Ŝlosilvortoj: Ina malplivalorigo. Labormerkato. Seksa egaleco. Socia rezisto. Konscio.

INTRODUÇÃO

Há, ao se analisar a contemporaneidade que se dispôs sobre diversas problemáticas que se enraízam no conceito do mundo moderno, estas que se tornaram parte do debate e do dia a dia das pessoas. Questões antes consideradas sólidas, indiscutíveis e intangíveis pelas críticas e dúvidas pessoais, passaram a ser constatadas, debatidas e refutadas por novas teorias, em um movimento ao qual BAUMAN (2000) chamou de modernidade líquida. Para o autor o mundo moderno, como é um conceito sem forma, uma amálgama de incertezas, repleto de medos, e o principal ponto, permeado pela ausência de concepção de algo ou de progressos no tangente às relações sociais.

Desta maneira se derruba a falácia de uma sociedade de papéis marcados e se passa a repensar toda a organização social e o processo de formação interpessoal e das relações, observando que desta maneira vem se tornado cada vez mais urgente a indagação de antigas verdades e preceitos que nos agrupavam como espécie e humanidade, BUTLER (2003) verifica assim que o sujeito do feminismo como parte



integrante da sociedade, busca sua liberdade como sujeito vem a ser reprimida pelas mesmas estruturas de poder responsáveis por garantir e fomentar sua libertação.

Assim, se formam diversas rachaduras estruturais no escopo social em torno da questão do feminino e a sua representação cultural e social, neste artigo em especial em sua desvalorização e descredibilidade no tangente às questões econômicas e de produção capital frente ao sexo masculino. Buscando assim discorrer e comentar a respeito desta redução, condicionamento e mimetização da mulher não apenas dentro do lar mas no mercado de trabalho, análise esta em especial feita à luz dos conceitos e obras da professora e filósofa Simone de Beauvoir (1908 - 1986).

Desta forma, dentro das questões metodológicas, este artigo se embasa dentro do método qualitativo de pesquisa, com ênfase especial a análise de conteúdo, que dentro da pesquisa bibliográfica, foi proposta como um método de busca, análise e síntese de conceitos coincidentes e divergentes de ideias dentro de um “conteúdo latente” (TRIVIÑOS, 1987, p. 161) e assim sendo ao fim capaz por tal processo de análise capaz de desenvolver um novo conhecimento, com forma, conteúdo e embasamento acadêmico.

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo analisar a desvalorização e descredibilidade do feminino no contexto das questões econômicas e da produção capital, especialmente no mercado de trabalho. A análise de conteúdo com enfoque qualitativo, empregada neste estudo, permitirá investigar e sintetizar as ideias de Beauvoir e outras fontes bibliográficas relevantes, a fim de construir um novo conhecimento embasado academicamente.

Portanto, ao se aprofundar na análise da obra de Simone de Beauvoir e de outras perspectivas relevantes, este artigo busca contribuir para o debate e a conscientização sobre a importância de valorizar e reconhecer o papel da mulher no contexto econômico e produtivo. Somente por meio do enfrentamento dessas questões, poderemos avançar em direção a uma sociedade mais igualitária e verdadeiramente progressista.

DESENVOLVIMENTO

A construção do feminino na sociedade: um negócio de família.

Para compreender o processo de construção do papel do feminino em nossa



sociedade, antes deve-se analisar a partir desta que de acordo com BEAUVOIR (2016) que em suma ninguém nasce mulher, e sim a partir de uma série de influências torna-se mulher. Nessa relação do processo de desvalorização profissional da mulher dentro do mercado de trabalho, deve-se primeiro ir à origem desta política de desigualdade e de cultura da inferiorização de valor.

Podendo assim, a partir de uma observação sistemática, como proposto por TRIVIÑOS (1987) como que ao longo da história a distinção do gênero, e a instituição do patriarcado foram se tornando a base organizadora dos hábitos e convenções sociais que permeiam a sociedade. Observando que esta “trata-se de um tipo de dominação em que o senhor é a lei e cujo domínio está referido ao espaço das comunidades domésticas ou formas sociais mais simples, tendo sua legitimidade garantida pela tradição” (CASTRO; LAVINAS, 1992: 237).

Assim, fez-se da mulher a partir da instituição do patriarcado como ingrediente principal da construção das relações biológica, econômica e socialmente inferior em relação ao homem, estabelecendo imagens como a de o sexo frágil, um indivíduo guiado por emoções, e assim por tal devendo ser submissa ao homem e as suas disposições e regras, como exposto em SHAKESPEARE (2000) em sua peça “A trágica história de Hamlet, Príncipe da Dinamarca” de 1603, a visão da mulher sempre foi embasada em sua incapacidade, sua máxima “Fragilidade, seu nome é mulher”, expõe como a mesma é vista.

Beauvoir (2016) critica a ideia de que a feminilidade é uma essência fixa e imutável, inerente às mulheres. Em vez disso, ela enfatiza que as diferenças de gênero são construções sociais, moldadas por fatores históricos, culturais e políticos. Ao atribuir à mulher uma natureza frágil e inferior, Shakespeare e outros perpetuam estereótipos de gênero que limitam as oportunidades das mulheres, restringem suas aspirações e as mantêm em posições subalternas. Portanto, a problemática da frase está na percepção da mulher como inerentemente frágil e incapaz, pois reforça uma visão essencialista que nega a agência e a igualdade das mulheres, e contribui para a manutenção da desigualdade de gênero na sociedade.

Em seu *magnum opus*, o livro Segundo Sexo, a mesma discorre dentre uma amálgama de outras situações sobre o processo de objetificação feminina pela



sociedade, assim dispondo sobre sua opressão e coisificação como massa de manobra e manipulável as ordens externas e como naturalmente submissa a ordens externas e passível de adaptação as condições a ela oferecidas. Assim, condicionando à mulher ao seu sexo e a uma espécie de moral específica e definida, e em qualquer outra situação que escape ou transcenda a esse papel a mesma está mimetizando o comportamento masculino, escapando assim da moral e ética para ela dispostos (BEAUVOIR, 2016).

Assim, a autora promulga uma das célebres máximas do seu trabalho onde expõe que para a sociedade, independente da época “A mulher tem ovários, um útero; eis as condições singulares que a encerram na sua subjetividade; diz-se de bom grado que ela pensa com suas glândulas.” (BEAUVOIR, 2016, p.12), Por tal, não racional, passível e adaptada ao domínio de uma consciência masculina superior e racional. De forma que a autora ainda completa que sua validação se dá pelo potencial reprodutivo e gestacional dizendo que “É pela maternidade que a mulher realiza integralmente seu destino fisiológico; a maternidade sua vocação ‘natural’, porquanto todo o seu organismo se acha voltado para a perpetuação da espécie” (BEAUVOIR, 2016, p.248).

Não se pode considerar que este processo de domínio sobre a mulher tenha sido o mesmo durante toda a construção histórica, houveram avanços no tangente a garantia de direitos e a promoção de medidas de mitigação do abismo entre os gêneros. Porém é inegável que esse avanço é lento, complexo e enfrenta uma imensa resistência (às vezes velada) pelas convenções.

Processos como a luta pelo direito ao voto, que culminou em um enfrentamento durante todo o século XIX e foi gerar frutos no século XX, no que diz respeito ao direito a própria voz e vida, mais recentemente, sobre o direito ao voto, a ocupação no mercado de trabalho, as cadeiras da universidade e dentre uma gama de outros direitos conquistados, com a percepção de que estas são ainda infelizmente subreconhecidas com a presença de uma imensurável desvalorização objetificada em ações cotidianas como na desigualdade salarial, na discriminação na falta de assistência e etc. Sendo apenas a ponta do iceberg, este que se forma como parte do processo que se enraíza em diversas escalas das relações sociais, e afetivas (GODOY, 2015).

Esse processo de condicionamento do feminino a determinadas posições e papéis se dá a partir de diversas frentes, podendo dar exemplos de pensamentos,



condutas e opressões presentes na produção de conhecimento teóricos aqui podendo elencar desde falas misóginas em obras de William Shakespeare até a fundamentação do fisiologismo de Aristóteles que funda a ideia da mulher como um “macho deformados” (ARISTÓTELES, 1963). Compreendendo assim que não somente nas relações sociais se firmam as amarras da misoginia e da opressão, mas também em outras faces do prisma social.

Assim, se estabelece uma visão primordial da função e do papel da mulher dentro da sociedade, a senhora e administradora do lar e de suas atividades domésticas, podendo assim fazer uma relação entre diversos autores clássicos e contemporâneos e observar que em poucas alterações se define a natureza e a vocação feminina, sendo estas inerentes às atividades domésticas e que quanto mais alinhadas e atreladas as canduras do lar, mais cândidas e idealizadas estas se tornam assim sendo mais valiosa para o homem; pois, com tantos talentos, atributos e habilidades para gerir um lar, ela deixará o lar harmonioso e alegre assim dispondo que a profissão primordial de uma mulher é em suma “cultivar com tanto cuidado seus talentos agradáveis, a fim de ser aprazível ao seu futuro marido”. (ROUSSEAU, 1995, p. 320).

Para Beauvoir (2016), a ideia de que a mulher é naturalmente destinada ao lar e às atividades domésticas é uma construção social opressiva. Ela argumenta que a noção de que as mulheres são inerentemente mais adequadas para o papel de cuidadoras e provedoras do lar não é uma expressão de sua verdadeira natureza, mas sim uma imposição social que perpetua a desigualdade de gênero.

Além disso, a visão da "dona de casa perfeita" foi engessada na sociedade ao longo do tempo como um ideal de feminilidade a ser alcançado. Esse estereótipo retrata a mulher como aquela cuja principal e única função é administrar o lar, cuidar dos filhos e executar as atividades domésticas, enquanto o homem é retratado como o provedor e o responsável pelo sustento da família. Essa visão limitada e restritiva da mulher como dona de casa perfeita reforça a noção de que seu valor e sucesso são medidos apenas por sua habilidade em desempenhar essas funções domésticas. Isso pode levar à marginalização das mulheres em outras esferas da vida, como no trabalho fora de casa, na política, nas artes e em outras carreiras profissionais. A autora busca promover a emancipação das mulheres e lutar por sua igualdade de oportunidades e direitos em



relação aos homens, questionando as estruturas patriarcais que perpetuam a ideia de inferioridade feminina.

A mulher e o mercado de trabalho: a carne de segunda

Partindo das ideias de BEAUVOIR (2016) pode-se dispor que o princípio da revolução feminista, se dá a partir da efervescência dos ideais de igualdade e de reparação histórica de direitos, feito esse que foi largamente responsável pela introdução da mulher no mercado de trabalho, aceito e fomentado a partir da segunda fase da revolução industrial e pelos períodos de guerras, onde devido as demandas de mercados e mão de obra, passa-se a abrir as portas das fábricas e dos postos de trabalho as mulheres, a autora sobre isso dispõe que “foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta” (p. 449).

Não é obstante que essa progressão de direitos não seria acompanhada de uma avalanche de problematizações e contrarreformas, de forma que de repente, esse feminino, o segundo sexo, sempre estranho, inferior, inconstante e incapaz de se organizar como seus superiores homens que representam a lógica, organização e verniz social, passou a enfrentar e se chacoalhar nas correntes que as cerraram por milênios nas paredes da caverna de Platão, partindo para a busca do reconhecimento das capacidades, do seu poder e potência de realizar, criar e expandir tanto quanto as pulsões masculinas.

Assim, se funda-se que a natureza laboral da mulher passa a se tornar também um impasse. Dispondo que boa parte dos preconceitos modernos aqui encontram sua raiz. Indagações sobre os impactos deste trabalho sobre as “funções naturais da mulher” passam a assombrar as relações familiares nos quais se indaga de que formas a mulher em pleno desenvolvimento e tomada de consciência do seu papel, com essa aproximação considerável em relação ao sexo masculino pode atender as definições antes postuladas, pode atender o estereótipo de “mulheres mães e cuidadoras” assim que se estabelece várias camadas de preconceitos e estereótipos a serem quebrados e desvinculados (BIROLI, 2018. p. 117).

Então a participação feminina no mercado de trabalho segundo PRIORE (2006, p. 589), se inicia sobre forte ataque e negação, e não obstante é mal visto pela sociedade



sendo coisa de miseráveis podendo analisar que as trabalhadoras no início da conquista do mercado principalmente em momentos históricos específicos como os períodos de guerras e na segunda fase da revolução industrial e eram inegavelmente menos favorecidas e por tal grandemente tidas como profundamente ignorantes, irresponsáveis e incompetentes.

De maneira que a autora ainda verifica que em suma esta é uma construção também social, já que mulheres em situação de fragilidade social eram tidas como seres quase que irracional e as mulheres de níveis mais altos da sociedade como menos racionais, polidas e hábeis do que os homens, que dentro dos processos produtivos eram considerados então mais produtivos, focados e fortes fisicamente, portanto, mais capazes de realizar e, portanto, passíveis de maiores salários.

Assim, nas idas deste processo que não é recente se for considerar o tempo no qual a sociedade capitalista e a cultura do consumo se estabeleceu, se observa o surgimento de uma avalanche de preconceitos estruturais, este que ainda sombreiam as relações sociais em pleno século XXI, compreendendo que a categoria gênero é e sempre foi definitiva no que tange a organização de nossas sociedades desde que esta se estabeleceram.

Segundo BARBIERI (1993, p. 04) se verifica que é o processo de reconhecimento deste tipo de situação que dá para todos o embasamento para entender que essa ideia de que apenas as desigualdades econômicas são responsáveis por apartar a mulher de seu direito natural a individualidade e ao respeito pela pessoa humana é uma falácia e que a problemática é estrutural, e enquanto não se remexer nas raízes do processo de organização social, nenhuma mudança real será feita a longo prazo, e o preconceito e a contrarreforma ainda permeia as relações da pequena ética, seja esta feita partida de análises embasadas nas teorias das classes, estratificação social ou qualquer outras.

A resistência social pela equidade: o pânico do niilismo

Simone de Beauvoir (2016) ao discorrer sobre essa discrepância existente entre homens e mulheres, afirma que a igualdade como parte da sociedade, só se poderá restabelecer como parte formadora da mesma quando os dois sexos tiverem direitos



juridicamente iguais, havendo assim pressões contratuais no que diz respeito ao pacto social para que esta aconteça, mas essa libertação exige a entrada de todo o sexo feminino na atividade pública, saindo dos lares e indo ao mercado de trabalho, conquistando os campos antes dominados apenas por homens.

emancipar-se é equiparar-se ao homem em direitos jurídicos, políticos e econômicos. Libertar-se é querer ir mais adiante, [...] realçar as condições que regem a alteridade nas relações de gênero, de modo a afirmar a mulher como indivíduo autônomo, independente [...] (BETTO, 2001, p. 20).

Ainda há, dentro dessa divisão de gênero, e opressão interseccional, mais um agravante, a questão social: a realidade de uma mulher branca, é diferente de uma mulher preta, que é diferente de uma mulher preta LGBTQIA+, fazendo que dentro das questões de gênero se considere a questão social e econômica como agravantes ou atenuantes, fazendo assim com que existam diversas camadas, subdivisões, compreendendo que dentro da misoginia por exemplo o preconceito contra mulheres e o feminino de forma geral podemos encontrar camadas de xenofobia, transfobia, racismo e etc, dispendo que essa pulsão por suprimir o mais fraco aqui se embasa numa característica biológica mas não se limita a ela.

Os homens da classe dominada funcionam, pois, como mediadores no processo de marginalização das mulheres de sua mesma classe da estrutura ocupacional, facilitando a realização dos interesses daqueles que a estrutura de determinação genérica sexo opera como uma cunha no processo de formação da consciência histórica dos homens e das mulheres na medida em que sofram ambos os efeitos da mística feminina (SAFFIOTI, p. 98, 2011)

Aqui está a máxima que sustenta essa manutenção velada a opressão feminina e a sua subjugação por outrem, o princípio de que mesmo entre seus iguais há um afastamento da pessoa do objeto que ela representa o mesmo objeto como um estereótipo idealizado. Onde naturalizou-se nas pequenas relações do dia a dia, ações que seguem mantendo a mulher submissa e não liberta de seu gênero, e mesmo conquistando o mercado de trabalho e galgando vagarosamente os degraus para o reconhecimento pleno de suas habilidades, se limita essa progressão potencial por conta do estereótipo.

Aqui, pode-se analisar que dentro deste tipo de relação pessoal e íntima entre as relações da pequena ética cotidiana e o que esta reflete no mundo exterior que se



verifica um repúdio muito grande às ideais fomentadas por Simone de Beauvoir no Segundo Sexo (1949) e em outras de suas obras, por assim denunciar essas situações que se espelham no mundo e objetificam e reduzem as mulheres ao papel secundário de ação.

Para a autora a visão de que a mulher é inerentemente frágil e incapaz é um exemplo de como as sociedades historicamente construíram uma imagem inferiorizada e subordinada da mulher. Simone de Beauvoir argumenta que a concepção da mulher como um "outro" em relação ao homem tem sido perpetuada por séculos na cultura e nas instituições sociais. Essa visão do "outro" tem sido usada para justificar a desigualdade de gênero, a discriminação e a opressão que as mulheres enfrentam.

No âmbito das relações pessoais e íntimas, a pequena ética cotidiana pode ter um impacto significativo no mundo exterior, especialmente quando se trata do tratamento das mulheres. Esse impacto pode gerar um forte repúdio às ideias apresentadas por Simone de Beauvoir nesta e outras de suas obras, pois essas obras denunciam a objetificação e a redução das mulheres a papéis secundários de ação na sociedade. Algumas pessoas podem rejeitar essas ideias por aderirem a perspectivas conservadoras que defendem papéis de gênero tradicionais, ou por temerem mudanças sociais que desafiam o *status quo*.

Esse tipo de aversão e repulsa conservadora de suas ideias demonstra em primeiro momento o quanto seu pensamento, que se embasou e firmou na necessidade da libertação das mulheres, segue firme e potente em nossa sociedade. Beauvoir em *A mulher desiludida* (2019), mostra as lamúrias de uma esposa que depois de duas décadas de casamento descobre estar sendo traída e precisa agora lidar com os temores deste tipo de quebra de contrato e de papel. Sendo de certa forma essa sensação daqueles que buscam evitar e que não entendem a inexorável transformação social, política e comportamental encabeçada pelas mesmas.

Ao pensar sobre a superação de tal condição, há um conjunto considerável de progressos que podem ser observados, estes ainda embrionários frente aos milênios de desconstrução e reorganização do feminino como mais uma ferramenta a ser manipulada pelo patriarcado. Um exemplo a ser disposto no Brasil no tangente a estes embora tímidos, importantes progressos, está em nossa Constituição Federal (1988, p.



2), onde em seu artigo 5º § I está disposto que "homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição".

Na Constituição Federal (1988) existe um princípio interessante onde qualquer comportamento que venha ferir este direito estará sujeita às pena prevista na lei, verificando a construção de uma ideia (ao menos teórica) de promoção de equidade e de uma estratificação de direitos e deveres de todos, e a assistência por parte do Estado no que diz respeito a promoção de melhores oportunidades para todos, na forma de lei e de pacto social.

Um ponto de partida importante para compreensão do motivo que muitas vezes a teoria não se alinha com a prática está no medo da sociedade em se desconstruir, sobretudo a partir da ótica dos novos tempos que são largamente embasados em conceitos que foram e são formados no século XX e a partir destes, aqui em especial por Simone de Beauvoir o movimento de revisão histórica, quando esta instiga as mulheres a entenderem a sua posição submissão imposta como regra de comportamento, a ação reacionária dos oprimidos incomoda, agride e balança com a segurança das classes hegemônicas que construíram, poder, influência e acima de tudo capital sobre a constante mimetização e subjugação de outrem.

Assim se forma o receio por reparação histórica. Deleuze (1976) já discorria em sua obra sobre essa relação de poder e potência da humanidade, esse princípio é denominado como niilismo e este é o triunfo das forças reativas e de reparação, sendo assim o triunfo e a redenção dos ditos escravizados e esta como conceito amplo de forma de negação e depreciação da vida e da existência. “A divisão e afastamento das forças trazem uma série de sintomas que são expressos pelas principais formas do niilismo: ressentimento, má consciência e constituição de um ideal ascético.” (DELEUZE, 1976, p.28).

Pinto (2010) Discorre em sua obra que na atualidade, há de forma categórica uma presente e maligna tendência de que os projetos políticos e o desenvolvimento social apontem para dois caminhos: sendo o primeiro a promoção de uma dita moralidade aceitável no meio social e em segundo para o aumento da eficácia dos agentes políticos no que diz ao controle e manutenção da máquina estatal. Verificando que ao dar ênfase a este tipo de temática não se forma em território brasileiro quase



nenhuma frente de ação conjunta que busque reduzir o abismo que há entre os direitos de homens e mulheres em nosso país.

Aqui então se ratifica a presença constante de um movimento de contrarreforma que busca minimizar ou ridicularizar debates de tal alçada, lançando um discurso de que não se há em canto algum desigualdade de gênero, e que ao buscar trazer a tona tal problemática, autores, políticos, militantes e profissionais estão problematizando sem justificativa as relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres. Segundo NOVAIS (2006, p. 117), “a discriminação no trabalho pode se manifestar em diversos momentos, por ocasião do acesso ao emprego, durante a vigência do contrato de trabalho, ou, até mesmo, após a extinção do pacto laboral”.

CONCLUSÕES

A análise realizada a partir da obra de Simone de Beauvoir evidencia como a construção histórica da mulher como submissa e inferior ainda influencia as relações sociais e profissionais. Apesar dos avanços conquistados pelas lutas feministas, a resistência social e a manutenção de estereótipos de gênero impedem uma efetiva igualdade de direitos e oportunidades que na prática cotidiana é permeada de desigualdades.

A resistência à mudança é reflexo do temor das estruturas estabelecidas em serem desconstruídas, o que acaba gerando uma reação conservadora. Contudo, é necessário compreender que a busca pela equidade não é uma ameaça, mas sim uma forma de promover uma sociedade mais justa e progressista, na qual homens e mulheres possam exercer plenamente sua autonomia e potencial.

Para avançar em direção a uma sociedade mais igualitária, é imprescindível combater os estereótipos de gênero e promover a conscientização sobre a importância de valorizar e reconhecer o papel da mulher na esfera econômica e produtiva. Isso requer ações tanto no âmbito individual, por meio da desconstrução de preconceitos, quanto no âmbito coletivo, por meio de políticas públicas que garantam o respeito aos direitos das mulheres e a promoção de oportunidades equitativas.



REFERÊNCIAS

ARISTOTLE. *Generation of Animals*. Trad. A. L. Peck. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1963.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. 2001, Editora Zahar, Rio de Janeiro. Título original: *Liquid Modernity* Tradução autorizada da edição inglesa publicada em 2000 por Polity Press, de Oxford, Inglaterra Copyright © 2000, Zygmunt Bauman Copyright da edição em língua portuguesa © 2001: Jorge Zahar Editor Ltda Disponível em: https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Modernidade_liquida.pdf. Edição eletrônica: julho 2011 ISBN: 978-85-378-0772-9

BARBIERI, T. **Sobre a categoria gênero**: uma introdução teórico-metodológica. Recife: S.O.S. Corpo. 1993

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. 3. ed. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEAUVOIR, S. de. **A mulher desiludida**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 23 agosto 2019. 176p. ISBN: 978-8520944325.

BETTO, F. **A marca do batom**: Como o movimento feminista evoluiu no Brasil e no mundo. ALAI, América Latina em Movimento, 2001. Disponível em: Acesso em: 17 jul. 2011.

BIROLI, F. **Gênero e desigualdades – limites da democracia no Brasil**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2018

BUTLER, J. 2003. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CASTRO, Mary G.; LAVINAS, Lena. Do feminino ao gênero: a construção de um objeto. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia** [1962]. Rio de Janeiro: Rio – Sociedade Cultural, 1976

GODOY, S M. **A mulher e o direito do trabalho**: a proteção e a dimensão constitucional do princípio da igualdade. São Paulo: Boreal, 2015.

NOVAIS, D. P. V. **Discriminação da mulher no emprego**. São Paulo: Distribuidora do Livro, 2006.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

PINTO, C. R. J. **Feminismo, história e poder.** Revista de sociologia e política v. 18, nº 36: 15-23 jun. 2010.

PRIORE, M. D. (org.) **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2006.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio, ou Da Educação.** São Paulo: Martins Fontes, 1995

SAFFIOTI, H. A questão da mulher na perspectiva socialista. **Lutas Sociais**, São Paulo, n.27, p.82-100, 2o sem. 2011. Disponível em:

<http://www4.pucsp.br/neils/downloads/07-heleieth-saffioti.pdf> Acesso em: 21 de dezembro de 2023

SHAKESPEARE, W. **A trágica história de Hamlet, Príncipe da Dinamarca.**

Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/hamlet.pdf>. Acesso em 12 de dezembro de 2022

TRIVIÑOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 1987.